

PROCESSOS DEPRESSIVOS NO CONSUMO ABUSIVO DE ÁLCOOL EM JOVENS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS DE ITUIUTABA

Polyana Alvarenga Matumoto - UEMG ¹

Rosiane dos Santos Farias - UEMG ²

Aline Silva Batista - UEMG ³

RESUMO

Os problemas relacionados ao álcool e a depressão são as duas patologias psiquiátricas, isoladamente, mais comuns encontradas na população e com mais intensidade na fase da adolescência, além disso, atualmente são os maiores problemas da saúde pública. O consumo abusivo do álcool pode ser um dos fatores de risco mais comuns em processos depressivos principalmente em jovens, pois, devido a estarem vivenciando um período de várias transformações, estão mais vulneráveis a se tornarem dependentes do álcool podendo assim causar vários problemas mentais, dentre esses problemas está a depressão. Este projeto tem como objetivo identificar e discutir a relação entre o consumo abusivo do álcool e os processos depressivos, além de verificar a presença de sintomas depressivos concomitantes ao uso abusivo de álcool; e fazer uma análise quantitativa dos dados obtidos através da aplicação do Escala de Depressão de Beck e do CAGE (Instrumento de detecção de problemas relacionados ao uso de álcool). Percebe-se que os resultados apresentados no presente trabalho corroboram a existência do uso abusivo do álcool e em alguns casos a depressão como comorbidade. Dessa forma, observamos que existe maior vulnerabilidade de adquirir dependência com o abuso do álcool correlacionado com os processos depressivos nos participantes do sexo masculino com idades entre 18 a 25 anos.

Palavras-chave: Universitários, álcool, depressão, dependência.

¹ Polyana Alvarenga Matumoto, Mestre em Psicologia Aplicada, Docente da Graduação de Psicologia UEMG, endereço: polymatumoto@yahoo.com.br

² Rosiane dos Santos Farias, Graduanda do curso de Psicologia, Universidade do Estado de Minas Gerais, Endereço:rosy_farias@yahoo.com

³ Aline Silva Batista, Graduanda do curso de Psicologia, Universidade do Estado de Minas Gerais, Endereço:linebbs177@gmail.com

INTRODUÇÃO

No Brasil, o consumo abusivo do álcool e a depressão tornaram-se dois dos maiores problemas enfrentados pela saúde pública e são temáticas cada vez mais discutidas e estudadas no meio social. Uma das possíveis relações estabelecidas entre estes sintomas pode se dever ao fato de que os indivíduos que tem depressão como comorbidade, costumam buscar alívio de sintoma através do consumo do álcool, por acreditar que este possui um efeito tranquilizante, aliviando os sintomas depressivos, quando, na verdade, ele é caracterizado como uma droga depressora do Sistema Nervoso Central, que atua no organismo causando alterações no comportamento, podendo causar problemas físicos, psíquicos e cognitivos (BRITO, 2014).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1996, a depressão atingiu cerca de 120 milhões de pessoas em todo o mundo, e ocupou o quinto lugar como um dos problemas de saúde mais prevalentes entre a população mundial. Estes estudos estimaram que em 2016 a depressão ocuparia o segundo lugar como problema de saúde no mundo todo, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares (MURRAY; LOPES, 1996). No entanto, a OMS estima que 450 milhões das pessoas que procuram o sistema de saúde possuem algum problema mental e psicossocial, não sendo diagnosticado para tratamento.

Foi a partir dos anos 1990 que pesquisadores consideram a depressão e o consumo do álcool como as modalidades de sofrimentos psíquicos mais frequentes. Desde então, tanto o abuso de drogas lícitas e ilícitas quanto a depressão emergem como problemas de saúde pública que vêm ultrapassando todas as fronteiras sociais, emocionais, políticas e nacionais (MONTANHA, 2013, pp.18).

De acordo com o manual de Classificação Internacional de Doenças (CID-10) a depressão abrange os seguintes sintomas: redução na atenção e concentração, redução na autoestima e autoconfiança do indivíduo, sentimento de culpa e inutilidade, perspectivas pessimistas do futuro, redução do apetite, perturbações do sono e pode levar o indivíduo ao autoextermínio (SANTANA e NEGREIROS, 2008).

O consumo abusivo do álcool pode ser um dos fatores de risco mais comuns em processos depressivos principalmente em jovens, pois, devido a estarem vivenciando um período de varias transformações, estão mais vulneráveis a se tornarem dependentes do álcool podendo assim causar vários problemas mentais, dentre ao quais está a depressão. (MONTANHA, 2013).

O consumo do álcool está presente na humanidade há vários milênios, fazendo parte da tradição de diversas culturas, além disso o álcool é uma droga lícita, tornado assim acessível seu uso. Assim como a depressão, o alcoolismo é um dos mais sérios problemas da saúde pública, o número de pessoas viciadas no álcool vem sendo cada vez mais preocupante e passível de intervenções da equipe de saúde (FURTADO, 2010).

O álcool é caracterizado como uma droga psicotrópica depressora, devido a sua atuação no sistema nervoso central que provoca uma alteração no comportamento e no organismo do indivíduo, além de ter um potencial que desenvolve a dependência de quem o consome. (CARLINI, NAPOO, GALDURÓZ e NOTO, 2001).

Este tipo de droga vem sendo cada vez mais consumida em todo o mundo por ser a mais aceita no meio social. O álcool é concebido como uma das drogas mais ameaçadoras e prejudiciais ao indivíduo, de maneira que influencia seus aspectos físicos, cognitivos e psíquicos. Devido ao consumo abusivo dessa substância o indivíduo pode perder sua identidade, além de causar isolamento social. Por ser uma droga permitida e tradicional muito consumida em eventos sociais, o alcoolismo se torna um dos problemas mais graves da saúde pública (MONTANHA, 2013).

A transição do ensino secundário para o ensino superior apresenta-se como uma fase crucial na vida do estudante. É um período em que a sensação de autonomia e liberdade aumentam, mas também devem aumentar o sentido de responsabilidade e a autodisciplina. O estudante que experiencia esta transição, terá que lidar com um conjunto de processos e contextos que não lhe são familiares e que vão desde a procura de quarto ou casa, à gestão de dinheiro, até uma vida social que se lhe apresenta completamente diferente do que estava habituado. Mas a maior dificuldade está no fato de, na maioria das situações, realizar todas estas tarefas longe de casa, do seu meio de origem e, por vezes, com falta de apoio na resolução de problemas que possam surgir (ANDRADE e TEIXEIRA, 2009).

A entrada na universidade implica ainda, uma série de transformações nas redes de amizade e de apoio social dos jovens estudantes. O mundo universitário, por oposição ao universo do ensino secundário, é um mundo menos estruturado. Assim, ajustar-se à

universidade implica também integrar-se socialmente com os indivíduos desse novo contexto, participar em atividades sociais e desenvolver relações interpessoais satisfatórias.

A inserção do jovem na universidade é apontada como fase de vulnerabilidade para o consumo de álcool, já que nesse período, a vida social é mais intensa, passa a morar sozinho ou com outros universitários, tem acesso fácil e rápido à droga, pois inúmeros bares e lanchonetes se instalam próximos ao campus das instituições de ensino superior, além das festas promovidas pelos próprios alunos (JOMAR e SILVA, 2013). As dificuldades de adaptação à esta nova etapa da vida deixam os jovens mais vulneráveis ao uso de drogas e a problemas relacionados ao psicológico dos mesmos.

Como justificativa para este estudo, buscamos ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento de processos depressivos relacionados ao uso abusivo do álcool, trazendo a contribuição de vários teóricos, podendo assim discutir e analisar criticamente e estatisticamente os elementos diagnósticos, além de abrir espaço para informar a respeito dos impactos emocionais como a depressão e o risco de autoextermínio causados pelo consumo excessivo do álcool.

Com o intuito de investigar sobre os processos depressivos e sua relação com o álcool em jovens universitários, o presente estudo tem como objetivo geral identificar e discutir a relação entre o consumo abusivo do álcool e os processos depressivos em estudantes da universidade do Estado de Minas Gerais na Unidade de Ituiutaba. E tem como objetivos específicos: verificar a presença de sintomas depressivos concomitantes ao uso abusivo de álcool; argumentar sobre a prevalência dos sintomas depressivos em indivíduos que fazem uso abusivo do álcool; fazer uma análise quantitativa dos dados obtidos através da aplicação do Escala de Depressão de Beck e do CAGE (Instrumento de detecção de problemas relacionados ao uso de álcool).

VIDA UNIVERSITÁRIA

Segundo Coulon (2008), tornar-se um estudante universitário é aprender um ofício, mesmo que temporário, para não fracassar no percurso acadêmico. Usando uma linguagem etnometodológica ser estudante universitário, é tornar-se membro, afiliar-se institucionalmente e intelectualmente à vida universitária.

O ensino superior representa para esses estudantes um investimento para ampliar suas chances no mercado de trabalho cada vez mais competitivo, mas, ao avaliar suas condições objetivas, a escolha do curso geralmente recai naqueles menos concorridos e que, segundo

estimam, proporcionam maiores chances de aprovação. Essa observação suscita uma reflexão sobre o que normalmente chamamos “escolha” (ZAGO, 2006, pp.231).

De acordo com Coulon (1995), a entrada do estudante na educação superior é marcada por três tempos: o tempo do estranhamento, no qual o estudante se depara com um universo totalmente desconhecido, bem diferente da instituição escolar da qual fazia parte, depois ele atravessa o tempo da aprendizagem, uma etapa marcada por adaptações e acomodações progressivas e, por fim, o tempo da afiliação, onde o estudante já compreende as normas e regras institucionais e adquire o status de membro.

Este processo de afiliação subdivide-se em dois âmbitos: o intelectual e o institucional. No âmbito intelectual, o estudante deve atender as exigências acadêmicas, em termos de conteúdos intelectuais. Já a afiliação institucional refere-se a aprendizagem dos códigos do ensino superior, ou seja assimilação das praticas e rotinas da instituição. Desse modo cada estudante encontrara modos específicos de afiliar-se institucionalmente e intelectualmente. (COULON, 2008).

A vida universitária é composta por um conjunto de regras e o estudante é convocado a aprender parte delas, a fim de garantir sua permanência nesse ambiente. Desse modo é preciso superar as adversidades para poder afiliar-se a um novo espaço (SAMPAIO, 2011).

Almeida & Soares (2003) ressaltam que o primeiro ano da universidade, tem sido caracterizado como um período crítico, potencializador de crises e desafios desenvolvimentais e como principal determinante dos padrões de desenvolvimento estabelecidos pelos jovens ao longo da sua vida na universidade. Desse modo a entrada na universidade é uma transição bastante significativa e complexa que possuem fatores de caráter pessoal e cultural.

O ÁLCOOL E A VIDA UNIVERSITÁRIA

Coulon (2008) afirma que a transição do ensino médio para o ensino superior é delicada. O lugar do saber não é mais o mesmo, não há mais referência aos discursos parentais. A conquista da autonomia demanda uma construção de conhecimentos onde os pares assumem um lugar importante.

Esta transição é marcada por várias rupturas simultâneas. Mudanças nas próprias condições de existência, que podem gerar ansiedade e comportamentos desadaptativos e de risco. Mudanças na vida afetiva geralmente refletem a passagem da dependência das relações familiares para uma vida mais autônoma. Além disso, uma ruptura psicopedagógica também é um aspecto significativo desta transição. Este processo pode provocar comportamentos

reativos muito diferentes por parte dos novos estudantes, cujas referências habituais foram todas subvertidas ao mesmo tempo. No entanto, os jovens só descobrem a importância do processo de adaptação - o que Coulon (2008) chama de afiliação - e seus riscos, experimentando muita ansiedade, quando entram na universidade (COULON, 2008).

Sampaio (2010) também reconhece que a vida universitária é composta por um conjunto de regras e o estudante é convocado a aprender parte delas, a fim de garantir sua permanência nesse ambiente. Desse modo é preciso superar as adversidades para poder afiliar-se a um novo espaço.

Diante deste complexo processo inicial de afiliação, a inserção do jovem na universidade é apontada como fase de vulnerabilidade para o consumo de álcool, já que nesse período a vida social torna-se mais intensa, muitos jovens passam a morar sozinhos ou com outros universitários, é um público que tem acesso fácil e rápido à droga, pois inúmeros bares e lanchonetes se instalam próximos ao campus das instituições de ensino superior, além das festas promovidas pelos próprios alunos (Jomar e Silva, 2013).

O consumo de álcool entre os estudantes universitários tem se tornado, portanto, uma preocupação crescente nos últimos anos. Em um período caracterizado por muitas transições, os universitários estão mais vulneráveis ao início e manutenção do uso de álcool, substância a qual os efeitos negativos são subestimados e, assim, ao consumi-la em altas doses e frequência, acabam por exporem-se mais a situações de risco e prejuízos à saúde (ANDRADE, DUARTE & OLIVEIRA, 2010).

Conforme resultados do I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras (ANDRADE, DUARTE & OLIVEIRA, 2010), no que diz respeito às consequências agudas, o fato de um em cada quatro universitários relatar consumo do álcool no padrão *binge* (embriagamento) nos 30 dias anteriores à entrevista mostra que essa população está frequentemente exposta a riscos, especialmente acidentes de trânsito, intoxicação, atos de violência e abuso sexual sob influência do álcool, sexo desprotegido, problemas acadêmicos (aprendizado e comportamentos inadequados e diminuição de produtividade) e problemas legais (ANDRADE, DUARTE & OLIVEIRA, 2010; WAGNER & ANDRADE, 2008; KERR-CORRÊA et al, 1999; 2001).

Em pesquisa realizada na Universidade Estadual Paulista (UNESP), os dados indicam que 30% dos estudantes bebem mais de uma vez por semana (KERR-CORRÊA et al., 2001). Em uma universidade do Amazonas, a prevalência do consumo de álcool foi relatada por 87,7% dos universitários (LUCAS et al., 2006). Uma pesquisa desenvolvida com estudantes

de medicina da Universidade Federal do Ceará demonstrou que o álcool é consumido por até 98% dos estudantes (SOUZA et al., 1999).

Várias pesquisas mostraram que os estudantes, de fato, aumentam o consumo de álcool após entrarem na universidade (MARLATT et al., 1998; JOHANSON & MARLATT, 1989), o que foi também observado no Brasil na análise preliminar de estudantes da UNESP (KERR-CORRÊA et al., 2001). Aliás, muitos universitários afirmaram consumir mais álcool no primeiro ano de faculdade do que em outros períodos da vida acadêmica (BAER, 1993).

O consumo abusivo do álcool pode desencadear vários transtornos mentais, como depressão, transtornos de humor, de ansiedade, dentre outros; além de patologias orgânicas (BRITO, 2014).

De acordo com Rodrigues (1997), ao ingressar na universidade ainda há falta de um conhecimento concreto por parte dos estudantes, sobre a carreira escolhida, o curso em que ingressou e o significado de estar na universidade. Desse modo considerando esse novo contexto pode ser um fator de movimento das expectativas do estudante. Pachane (2003) afirma que os alunos que chegam a universidade com expectativas iniciais por vezes equivocadas, o que pode gerar uma série de decepções com sua vivência acadêmica. O desencontro entre as expectativas do estudante e o que a instituição realmente oferece pode se constituir em uma fonte de sentimentos antagônicos.

O ingresso na universidade, ainda que traga sentimentos positivos e de alcance de uma meta programada por estudantes do ensino médio, por vezes pode se tornar um período crítico, de maior vulnerabilidade para o início e a manutenção do uso de álcool e outras drogas (PEUKER; FOGAÇA & BIZARRO, 2006).

O uso de álcool entre universitários também pode ser favorecido de forma indireta. Estudantes influenciam-se mutuamente em termos de beber pela modelagem, imitação ou reforçamento do comportamento de beber. A seleção de colegas, a escolha do tipo de substância, o padrão de uso e a forma como o consumo de substâncias de seus pares é percebida parecem interagir neste processo. As normas comportamentais estabelecidas em relação ao beber podem servir para justificar os comportamentos extremados observados entre eles. Sabe-se também que universitários tendem a superestimar tanto a aceitabilidade quanto o comportamento de beber propriamente dito de seus pares (PEUKER; FOGAÇA & BIZARRO, 2006, pp.194.)

O consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários está relacionado com a diminuição da expectativa de vida dessa população. Segundo os autores, isso ocorre porque os comportamentos de risco associados ao consumo de álcool e drogas podem afetar o senso global de “bem-estar”, a partir daí podem surgir diversos problemas emocionais, dentre eles a depressão. (SILVA; MALBERGIER; STEMPLIUK & ANDRADE, 2006).

O clima social do ambiente universitário é festivo. É fácil verificar isso, observando-se o número de cartazes de propaganda de festas universitárias que infestam os murais. Entretanto, além da festa propriamente anunciada, conteúdos referentes ao consumo de álcool estão presentes nesses cartazes, oportunizando sua aceitação e entre os universitários. (GOMIDE e PINSK, 2004).

DEPRESSÃO ASSOCIADA AO ALCOOLISMO

De acordo com a OMS (organização mundial de saúde), a depressão tem sido um tema de grande destaque na área da saúde, além de ser objeto de estudo de diversos pesquisadores, a depressão é uma das patologias mais comuns encontradas em diversos países do mundo.

Os critérios diagnósticos são: tristeza profunda, diminuição das atividades, desânimo, visão negativa de si mesmo, do mundo e do futuro.

A depressão é um termo utilizado tanto para designar tanto um estado afetivo normal (tristeza), um sintoma, uma síndrome ou uma doença. Enquanto sintoma a depressão pode ter diversos quadros clínicos, como por exemplo: estresse pós-traumático, alcoolismo, esquizofrenia, dentre outros. Enquanto síndrome, a depressão pode estar relacionada tanto aos estados de humor quanto a aspectos cognitivos e físicos, como por exemplo, insônia, apetite (PORTO, 1999).

Segundo o DSM-V, a depressão pode ser classificada em três tipos: depressão maior, distímia e não especificada.

Na depressão maior o humor deprimido deve estar presente na maior parte do dia, é caracterizado por crises episódicas, insônia ou fadiga são queixas principais de pacientes que tem este tipo de depressão, uma das características essenciais da depressão maior é a persistência do humor depressivo por pelo menos duas semanas. Na distímia o humor depressivo ocorre na maior parte do dia, na maioria dos dias, por pelo menos dois anos, a distímia é crônica e contínua. Não especificados, é desencadeado de algum evento traumático na vida do indivíduo como por exemplo: luto, separação, dentre outros.

A maior fase de vulnerabilidade, com relação ao álcool e a incidência da depressão, é a adolescência, pois é um período de transição da fase infantil para a fase adulta gerando assim

vários conflitos por ter constantes transformações, insegurança, os hormônios bastante aflorados e busca constante de autonomia e identidade, porém as outras fases da vida também estão sujeitas a esses problemas, apesar de não ter a mesma intensidade. (MONTANHA, 2013).

“O uso abusivo do álcool provoca estresse, comportamentos de rebeldia, aborrecimento, redução da autoestima, além do surgimento de distúrbios psicoafetivos, entre eles a depressão” (MONTANHA, 2013, pp.19).

Foi a partir dos anos 1990 que pesquisadores consideram a depressão e o consumo do álcool como as modalidades de sofrimentos psíquicos mais frequentes na população. Desde então, tanto o abuso de drogas lícitas e ilícitas quanto a depressão emergem como problemas de saúde pública que vêm ultrapassando todas as fronteiras sociais, emocionais, políticas e nacionais. (MONTANHA, 2013, pp.18).

Os sintomas da depressão podem surgir de diversas situações, dentre elas estão: eventos traumáticos, esquizofrenia, demência, alcoolismo, doenças clínicas, estresse devido a vida pessoal, social e econômica (PORTO,1999).

METODOLOGIA

O procedimento metodológico escolhido foi a pesquisa de Campo de caráter quantitativo, através da aplicação de escalas validadas que classificam a intensidade de sintomas depressivos (Inventário de Depressão de Beck, 1988) e problemas relacionados ao uso de álcool (CAGE, 1974); e a posterior análise estatística dos dados de caráter comparativo para averiguar uma possível correlação.

Segundo o autor RUIZ (2002, p. 50), “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”.

1. 4.1- Local

A pesquisa foi realizada na Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Ituiutaba.

2. 4.2- Participantes

Participaram deste estudo 32 jovens da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade de Ituiutaba, de 8 cursos de graduação presencial, constituindo-se uma amostra parcial por conveniência, voluntária, e orientada sob os aspectos éticos.

4.3- Procedimentos

Foram realizadas a aplicação do Inventário de Depressão de Beck (1988) para avaliar depressão; e o questionário CAGE em Universitários da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade de Ituiutaba.

O Inventário de Depressão de Beck: é uma escala que consiste de 21 itens, incluindo sintomas e atitudes, cuja intensidade varia de 0 a 3(14). Os itens referem-se à tristeza, pessimismo, sensação de fracasso, falta de satisfação, sensação de culpa, sensação de punição, autodepreciação, autoacusações, ideias suicidas, crises de choro, irritabilidade, retração social, indecisão, distorção da imagem corporal, inibição para o trabalho, distúrbio do sono, fadiga, perda de apetite, perda de peso, preocupação somática, diminuição de libido. (SOUZA, CARVALHO, TEODORO, 2012).

O questionário CAGE, instrumento aplicado em serviços de triagem para determinar se um indivíduo faz uso de álcool de maneira nociva ou de risco. Este questionário, de fácil aplicação, consiste em quatro questões que comportam as respostas sim ou não. Serve para identificar os consumidores de risco e não para diagnosticar a dependência. (DIAS, LIBARDII, ZILLOI, IGARASHII, SENGERI, 2010).

A partir da coleta de dados os resultados foram analisados estatisticamente com o propósito de responder ao objetivo deste estudo.

Nos primeiros contatos com os participantes foi de extrema importância o esclarecimento do sigilo ético profissional, como dispõe a Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia (BRASIL, 2000) garantindo o sigilo das informações pessoais para que fosse realizado um trabalho baseado nas normas éticas garantindo um melhor convívio entre os participantes e a pesquisadora.

4.4- Recursos e materiais

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados os seguintes materiais: o Inventário de Depressão de Beck e o questionário CAGE.

RESULTADOS

De acordo com os resultados da pesquisa foram aplicados 53 questionários nos discentes de dez cursos diferentes da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Ituiutaba, com idades entre 18 à 25 (72%) e 25 à 40 (28%), sendo 50,12% do sexo masculino e 49,88% do sexo feminino.

Os resultados mostram que 61,4% da amostra total fazem consumo de álcool de forma abusiva, sendo que, desses sujeitos, 68,67% apresentam o risco de desenvolver ou já terem desenvolvido dependência da substância. Além disso, ainda considerando a amostra total, 31,12% dos sujeitos apresentam algum grau de depressão de acordo com a Escala de Beck. Dos participantes depressivos, 79,77% fazem uso abusivo de álcool concomitantemente.

Quando comparamos os gêneros, os participantes do sexo feminino apresentaram um índice de 42% de usuários abusivos de álcool, enquanto que o sexo masculino apresentou uma prevalência de 78,5%. Com relação à depressão, os sujeitos do sexo masculino também apresentam um índice maior de depressivos com 37,3% contra 20% de participantes do sexo feminino que apresentaram algum grau de depressão. Além disso, 26,54% dos sujeitos do sexo masculino parecem associar processos depressivos com o uso abusivo do álcool contra apenas 9,35% do sexo feminino.

Ao comparar a faixa etária da amostra, os jovens apresentaram índices muito mais preocupantes, pois 69,66% dos participantes de 18 à 25 anos fazem uso abusivo de álcool e 37,5% apresentaram algum grau de depressão. Por outro lado, o grupo de 25 à 40 anos apresentou um índice de 37,5% de usuários abusivos e apenas 12,5% de depressivos. 31,16% dos jovens de 18 à 25 anos associaram processos depressivos com o uso abusivo de álcool, e nenhum dos participantes do segundo grupo fez essa mesma associação.

DISCUSSÃO

Com base nos resultados, podemos perceber que os índices apresentados são alarmantes em termos de saúde pública. De acordo com a amostra, aproximadamente 60% dos estudantes estão fazendo uso não saudável do álcool; um uso que pode leva-los a desenvolver potenciais problemas de saúde e prejudicar o funcionamento social e ocupacional. Além disso, um índice de aproximadamente 30% de depressivos numa amostra jovem e ativa é estatisticamente alto e precisa ser considerado.

Através da análise dos resultados, é possível inferir que processos depressivos podem levar ao uso abusivo de álcool, já que 79,77% dos depressivos tem esse padrão de consumo. No entanto, a depressão não é a única causa deste comportamento. É preciso repensar políticas e estratégias para reduzir esse comportamento nocivo.

Além disso, é preciso compreender as diferenças de gênero, que se mostraram extremamente significativas. Os altos índices apresentados pelo sexo masculino, tanto para o uso abusivo de álcool quanto para a depressão, sugerem um fator predisponente, que precisa

ser investigado para contribuir com a prevenção e tratamento peculiares do sexo, se for o caso.

Outro dado preocupante é o fato de que os jovens também apresentaram índices mais relevantes para as duas variáveis. É preciso que a comunidade acadêmica se una para entender por que os jovens estão apresentando comportamentos de risco e estão desenvolvendo depressão atingindo índices epidemiológicos preocupantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo abusivo do álcool pode ser um dos fatores de risco mais comuns em processos depressivos principalmente em jovens. Por estarem vivenciando um período de várias transformações, estão mais vulneráveis a se tornarem dependentes do álcool podendo assim causar vários problemas mentais, dentre ao quais está a depressão.

Diante de um complexo processo inicial de afiliação, a inserção do jovem na universidade é apontada como fase de vulnerabilidade para o consumo de álcool, já que nesse período a vida social torna-se mais intensa, muitos jovens passam a morar sozinhos ou com outros universitários, é um público que tem acesso fácil e rápido à droga, pois inúmeros bares e lanchonetes se instalam próximos ao campus das instituições de ensino superior, além das festas promovidas pelos próprios alunos.

Percebe-se que os resultados apresentados no presente trabalho corroboram a existência do uso abusivo do álcool e em alguns casos a depressão como comorbidade. Dessa forma, observamos que existe maior vulnerabilidade de adquirir dependência com o abuso do álcool correlacionado com os processos depressivos nos participantes do sexo masculino com idades entre 18 a 25 anos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PAPq que viabilizou a realização desse projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Leandro S. Expectativas de envolvimento acadêmico à entrada na universidade: estudo com alunos da Universidade do Minho. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, p.

3-15, 2003. Disponível em: < file:///C:/Users/Positivo/Downloads/Almeida_Soares_2004.pdf
> Acesso em: 14/07/2016.

ALMEIDA, L.S.; FERNANDES, E. M.; SOARES, A. P.; VASCONCELOS, R. & FREITAS, A. Envolvimento acadêmico : confronto de expectativas e comportamentos em universitários do 1º ano. *Psicologia e Educação*. ISSN 1645-6084. 2:2 (2003) 57-70, 2003.

ANDRADE, Ana Maria Jung de; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 10, n. 1, São Paulo, 2009. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902009000100006 >
Acesso em: 21/07/2016.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V. & OLIVEIRA, L. G. (org.). *I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras*. Brasília: Senad; 2010.

BAER, J.S. Etiology and secondary prevention of alcohol problems with young adults. In: BAER, J. S.; MARLATT, G. A.; MCMAHON, R. J. (Eds.), *Addictive behaviors across the lifespan..* Newbury Park: Sage Publications, p. 111-137, 1993.

BECK, A.T.; STEER, R.A. & GARBIN, M.G. – Psychometric Properties of the Beck Depression Inventory: Twenty-Five Years of Evaluation. *Clinical Psychology Review* 8:77-100, 1988.

BRITO, Amon da Silva. Alcoolismo associado a transtornos mentais. Universidade Federal da Paraíba centro de ciências da saúde curso de graduação em farmácia. 2014. Disponível em <<http://rei.biblioteca.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/880/1/ASB24022015.pdf> >
Acesso em 06/04/2016.

CARLINI, Elisaldo Araujo; NAPPO, Solange Aparecida; GALDURÓZ, José Carlos Fernandes; NOTO, Ana Regina. Drogas psicotrópicas: o que são e como agem. Revista IMESC, n.3, 2001. Disponível em <http://www.gruponitro.com.br/atendimento-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito_das_drogas_psicotropicas_no_snc.pdf> Acesso em 29/03/2016.

COULON, Alain. Etnometodologia e Educação. Petrópolis:Vozes, 1995

COULON, Alain. A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

DIAS, João Carlos Ramos; LIBARDII, Milena Carvalho; ZILLOI, Carina Maria; IGARASHII, Mamy Honda; SENGERI, Maria Helena. Qualidade de vida em cem alunos do curso de Medicina de Sorocaba. Revista brasileira de educação médica, São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n1/a14v34n1.pdf>> Acesso em: 28/03/2016.

FACHINI, Alexandre; FURTADO, Erikson Felipe. Diferenças de gênero sobre expectativas do uso de álcool. Revista de psiquiatria clínica, v. 39, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/38867/S010160832012000200005.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em:25/06/2016.

JOHANSON, M.E. ; MARLATT, G.A. Drinking behavior in university residences. Paper presented at the Research Society on Alcoholism. Beaver Creek, 1989.

JOMAR, Rafael Tavares; SILVA, Enéas dos Santos. Consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de Enfermagem. Aquichan, v. 13, n. 2, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v13n2/v13n2a09.pdf>> Acesso em: 13/07/2016.

KERR-CORRÊA, F.; ANDRADE, A.G.; BASSIT, A.Z. & BOCCUTO, N.M.V. F. Uso de álcool e drogas por estudantes de Medicina da Unesp. Rev. Bras. Psiquiatr, 21(2): 95-100, 1999.

KERR-CORRÊA, F.; DALBEN, I.; TRINCA, L.; SIMÃO, M.O.; MATTOS, P.F.; CERQUEIRA, A.T.A.R. & MENDES, A.A. – I Levantamento do uso de álcool e de drogas e das condições gerais dos estudantes da UNESP (1998). Publicação VUNESP no. 14, 183p, 2001.

MARLATT, G.A.; BAER, J.S.; KIVLAHAN, D.R.; DIMEFF, L.A.; LARIMER, M.E.; QUIGLEY, L.A. ; SOMERS, J.M.; WILLIAMS, E. Screening and brief intervention for high-risk college student drinkers: results from a 2-years followup assessment. J. Consult.Clin. Psychol., v. 66, p. 604-615, 1998.

MAYFIELD, D, MCLEOD, & G, HALL, P. The CAGE questionnaire: validation of new alcoholism screening instrument. Am J Psychiatry, 1974; 131: 1121-3.

MONTANHA, Henriett Marques. Uso do álcool e depressão no contexto da adolescência: um estudo psicossociológico. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6930/1/arquivototal.pdf>> Acesso em 29/03/2016.

NASCIMENTO; Maria Inês Corrêa. Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos mentais DSM-V, Porto Alegre: Artmed, 5ª Ed. Traduzida, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. CID-10. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. 10 revisão. (vol.1). São Paulo: Edusp. 1996 .

PACHANE, Graziela Giusti. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. Em E. Mercuri & S. A. J. Polydoro (Orgs.). Estudante universitário: características e experiências de formação. Taubaté, 2003.

PEUKER, Ana Carolina; FOGAÇA, Janaina; BIZARRO, Lisiane. Expectativas e Beber Problemático entre Universitários. *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol.22, n. 2, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a09v22n2.pdf> > Acesso em: 23/07/2016.

PINSKY, Ilana; BESSA, Marco Antonio. *Adolescência e drogas*. Editora Contexto, 2008.

PORTO, José Alberto. Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v.21, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151644461999000500003&script=sci_arttext&tlng=p t> Acesso em 28/03/2016.

RESOLUÇÃO CFP N° 016/2000 de 20 de Dezembro de 2000. Disponível em: < http://www.assis.unesp.br/Home/ComitedeEtica/ComitedeEticaHumanus1346/resolucao_CFP_16-2000_-_dispoe_sobre_pesquisa_com_seres_humanos.pdf > Acesso em: 04/06/2016 .

RODRIGUES, Joana Filipa Santos. *Consumos de álcool nos estudantes de enfermagem*. Porto, 2008. Disponível em: < http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1383/1/Mono_JoanaRodrigues.pdf > Acesso em: 15/07/2016.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 5 ed. 2002.

SAMPAIO, T. M. V. O Movimento da Vida e seus Desafios à Extensão Universitária. *Revista Dialogos: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas*, Brasília, v.14, n.1, dez, 2010.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. *Observatório da Vida Estudantil*. Salvador.: EDUFBA, 2011.

SOUZA, Joseane de; CARVALHO, Ana Maria Pimenta; TEODORO, Maycoln Lêoni Martins. Esposas de alcoolistas: relações familiares e saúde mental. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v8n3/pt_04.pdf> Acesso em 28/03/2016.

WAGNER, G. A. & ANDRADE, A. G. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. *Rev Psiq Clín.*; 35 (Supl. 1): 48-54, 2008.